

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
MALAMOR/TAINTED LOVE – REALIZADORES CONVIDADOS: JOÃO PEDRO RODRIGUES E  
JOÃO RUI GUERRA DA MATA  
com a BoCA – Bienal de Artes Contemporâneas  
11 de outubro de 2025

**The Man with the Golden Gun / 1974**  
(007 e o Homem da Pistola Dourada)

Um filme de GUY HAMILTON

*Realização:* Guy Hamilton / *Argumento:* Richard Maibaum, Tom Mankiewicz, baseado no romance de Ian Fleming / *Direção de fotografia:* Ted Moore, Oswald Morris / *Direção de Arte:* John Graysmark, Peter Lamont / *Guarda-roupa:* Elsa Fennell / *Montagem:* Raymond Poulton, John Shirley / *Música:* John Barry / *Efeitos Especiais:* John Stears / *Interpretação:* Roger Moore (James Bond), Christopher Lee (Scaramanga), Britt Ekland (Mary Goodnight), Maud Adams (Andrea Anders), Hervé Villechaize (Nick Nack), Clifton James (J.W. Pepper), Richard Loo (Hai Fat), Soon-Tek Oh (Hip), Marc Lawrence (Rodney), Bernard Lee («M»), Lois Maxwell (Moneypenny), Marne Maitland (Lazar), Desmond Llewelyn («Q»), James Cossins (Colthorpe), Yao Lin Chen (Chula), Carmen Du Sautoy (Saida), Gerald James (Frazier), Michel Osborne (tenente da Marinha), Michael Fleming (oficial de comunicações).

*Produtor:* Albert R. Broccoli, Harry Saltzman / *Produtoras:* Eon Productions / *Cópia:* DCP, colorida, falada em inglês e legendada eletronicamente em português / *Duração:* 124 minutos / *Estreia em Portugal:* Cinema São Jorge, a 21 de dezembro de 1974 / *Primeira exibição na Cinemateca.*

---

**The Man with the Golden Gun** é apresentado em “double bill” com **A Última Vez Que Vi Macau**, de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata (“folha” distribuída em separado). Entre a projeção dos dois filmes há um intervalo de 10 minutos.

---

James Bond não aparece no *cold open* deste filme, quebrando a tradição de haver uma cena de ação introdutória com o protagonista que dita o tom do resto do filme. Neste caso, mantém-se a característica de anunciar o timbre da obra, mas subverte-se o ponto de vista, que prefere o vilão, Francisco Scaramanga.

Saltitando entre Beirute, Macau, Hong Kong e Banguécoque, a promessa de um filme de James Bond no sudeste asiático é uma proposta estimulante para a imaginação, mas o cenário revela-se apenas pano de fundo – exceto nas sequências de perseguições (de barcos e de carros). Uma delas culmina numa manobra até então única: o salto do carro sobre o rio, com uma volta de 360°, programada por computador e conseguido através do uso de um veículo especialmente adaptado. No filme, Bond vai até Macau em busca de pistas que o aproximem de Scaramanga por deduzir que este o tem na sua mira. Uma delas vem de uma bala (guardada de maneira conveniente como amuleto no umbigo de uma Bond Girl) que aponta para o trabalho de artesão de Lazar, um português especializado em objetos singulares, como balas de ouro, espingardas para homens de três dedos ou outros equipamentos personalizados. É a partir dele que Bond conhece a amante de

Scaramanga, Andrea Anders, quando esta recolhe uma nova fornada de balas no Macau Palace, famoso casino flutuante macaense. O agente secreto britânico segue-a até Hong Kong onde testemunha Scaramanga a assassinar Gibson, um cientista que desenvolveu a chave para a crise de energia dos anos 1970 – o poder da luz solar em formato de bolso, que, por sua vez, remete para a segunda *golden gun* do filme, ambas na posse de Scaramanga. Este é um dos filmes onde o famoso Q menos tem para fazer, embora apareça para fornecer informação e um mamilo falso. É o vilão, ele sim, o proprietário de todos os *gadgets* de nota, em especial a sua arma dourada desmontável e de uma bala apenas.

O James Bond de Roger Moore vem depois do de Sean Connery, descrito pelo produtor, Albert R. Broccoli, como o modelo original ao qual Moore adiciona «um pouco mais de humor». O ator protagoniza-o com menos dureza que Connery e com um charme de *playboy* lânguido. Este Bond é todo ele jogos de palavras, sempre disposto a seduzir alguém para obter informação ou passar o tempo. Bryan Senn, em *The Most dangerous cinema: people hunting people on film*, cita Christopher Lee que observa: «Dava para perceber que o Bond de Roger preferia sair de uma situação complicada só com conversa, mas que o de Sean te matava!».

**The Man with the Golden Gun** diferenciou-se por apresentar Scaramanga como alguém que está em pé de igualdade em relação a Bond, menos um génio do mal como Ernst Stavro Blofeld (presente em vários filmes) e mais um Raoul Silva (**Skyfall**), e há mesmo a sugestão de serem homens feitos do mesmo molde: «We have so much in common, Mr Bond ... ours is the loneliest of professions». Alguém que espelha Bond em estatura e mitologia, mas à maneira a piscar-o-olho de Roger Moore, claro, dado que este supervilão tem uma ilha deserta, um assistente idiossincrático, uma arma dourada e um terceiro mamilo. Porém, segundo Lee, tem também «um toque de humor e a sensação de que está a participar num grande jogo». Este paralelismo das personagens leva à proposta de um duelo de cavalheiros na praia que se torna num jogo de gato-e-rato quando Scaramanga desaparece e atrai Bond para um labirinto de espelhos, painéis escondidos e figuras de cera. Quando Bond acaba por matar Scaramanga, fá-lo também em rejeição à equiparação que o inimigo fez entre os dois, refletindo a forma como Bond vê o ato de matar: «When I kill, its on the specific orders of my government. And those I kill are themselves killers». Para além disso, este centralizar da figura do vilão como um *negativo* de Bond funciona como uma espécie de precursor do tom mais sombrio e inquietante de Bonds mais contemporâneos, que já se sente nos momentos passados na sala de treino de Scaramanga, com a panóplia de elementos circenses e de arte ótica, um lugar onde reina a mais inquietante estranheza. Sente-se também na impiedade de Bond ao considerar matar o rival a sangue-frio ou na crueldade dos jogos do vilão-mestre e do seu ajudante.

Há ainda alguns pontos frágeis no filme, sendo que a maior parte poderia até ser desculpada – a inclusão que se sente forçada de lutas de artes marciais (em voga no cinema da altura); Nick Nack, o nome do ajudante de Scaramanga (personagem que se revela apenas mais um artifício); a personagem demasiado tonta da Bond Girl Mary Goodnight; ou o efeito sonoro do apito usado no salto do carro sobre o rio –, mas a adição do ridículo J.W. Pepper (o xerife americano de sotaque cerrado do Louisiana que aparece originalmente em **Live and Let Die**) é imperdoável...

Ana Cabral Martins